

Imagens e discursos na imprensa dos Diários Associados em 1942/1943

Images and discourses in the press of Diários Associados in 1942/1943

Priscila F. Perazzo

Doutora em História Social, docente do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS, coordenadora do Núcleo de Pesquisas Memórias do ABC (USCS); pesquisadora do Proin – Laboratório de Estudos da Memória Política Brasileira (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH-USP).
E-mail: prisperazzo@ig.com.br.

Artigo recebido em 01/09/2008
Artigo aprovado em 3/11/2008

Resumo

Entre 1942 e 1943, jornais dos Diários Associados proferiram um discurso considerado baluarte da retórica humanitária dos Aliados, em reportagens sobre o internamento de prisioneiros do Eixo em campos de concentração brasileiros, envolvendo realidades e representações acerca da idéia de humanitarismo de guerra. Pretendeu-se analisar o discurso dessa imprensa, quanto à possibilidade de construções de imagens políticas, veiculadas à época, desenhando na opinião pública um imaginário político acerca das formas de tratamento de “súditos do Eixo” em campos de concentrações brasileiros durante a II Guerra Mundial.

Palavras-chave: imprensa, fotojornalismo, memória.

Abstract

Between 1942 and 1943, the newspapers of the Diários Associados group expressed the core discourse of the Allies’ humanitarian rhetoric in reports about the internment of Axis’ prisoners and Brazilian concentration camps. The reports dealt with realities and representations deriving from the idea of humanitarianism of war. This study analyses the discourse of this press and its capacity to construct images that could impress upon the public opinion, a political imaginary about the treatment given to the ‘subjects of the Axis Powers’ in Brazilian concentration camps in the World War II.

Keywords: press, photojournalism, memory.

Introdução

Entre 1942 e 1943, a imprensa brasileira pró-getulista, sobretudo os veículos ligados aos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, transformou-se em baluarte da retórica humanitária dos Aliados, publicando, de norte a sul do País, uma seleção de artigos sobre o internamento de “súditos do Eixo”¹. Tais reportagens, em seus textos escritos, formularam imagens em torno do discurso humanitário proferido entre os Aliados, com o qual o Brasil estava alinhado naquele momento. Foi sob esse viés – do discurso humanitário que precedeu o discurso dos Direitos Humanos – que imagens sobre a realidade dos campos de concentração brasileiros ganharam as páginas dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, em vários estados brasileiros.²

Alguns consideram que o mais forte aliado de Vargas na imprensa era Chateaubriand (LEVINE, 2001). Empresário e presidente tornaram-se amigos desde os tempos de Vargas como deputado, e tal amizade tornava-se interessante para um político que “compreendia a importância de ter um barão da

imprensa atrás de si” (LEVINE, 2001: 41-42). No início da década de 1940, os Diários Associados representavam uma das mais poderosas e inovadoras empresas da comunicação no País, detendo 20 jornais, cinco revistas, oito estações de rádio, uma editora de livros e uma empresa encarregada da publicidade de suas próprias empresas. A ligação entre Assis Chateaubriand e Getúlio Vargas resultou, ao longo dos 15 anos de governo que se seguiram ao golpe de 1930, numa estreita colaboração e apoio dos meios de comunicação ao governo Vargas (MORAES, 1994).

Diante dessas relações, pretende-se aqui analisar como o tema dos campos de concentração brasileiros foi tratado pela imprensa dos Diários Associados e envolveu realidades e representações acerca da idéia de humanitarismo de guerra. Nos discursos publicados nos jornais – conjunto de textos escritos e fotografias –, encontram-se discussões em voga, que envolveram as idéias de direitos humanitários circundantes das relações internacionais brasileiras, após o alinhamento do governo Vargas com os Aliados (grupo liderado pelos países Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética, durante a II Guerra Mundial). Nesse sentido, esse artigo se propõe a analisar o discurso de imprensa, publicado em alguns veículos ligados aos Diários Associados, quanto à possibilidade de construções de imagens políticas, veiculadas entre 1942 e 1943, sob os interesses de promover, entre a opinião pública, um debate acerca das formas de tratamento de “súditos do Eixo” em campos de concentrações brasileiros.

As imagens do discurso dos associados

Ao selecionar artigos e fotografias jornalísticas para análise, considerou-se, por várias vezes, a associação entre texto escrito e fotografia que, segundo Lorenzo Vilches (1987) – especialista em fotoperiodismo no mundo da comunicação –, tanto foto quanto texto escrito são elementos textuais que se apóiam em processos cognoscitivos do leitor, como é o caso das inferências que se faz sobre uma leitura. O tipo de processo discursivo que pode desenvolver o estímulo da foto impressa pode ser tão abstrato como o da linguagem escrita, devido ao fato de que ambos, foto e texto escrito, baseiam-se em convenções sociais e textuais assumidas pelo leitor, além de complexas elaborações simbólicas. Neste sentido, a fotografia não representa uma ilustração do texto escrito nem, tampouco, uma substituição da linguagem escrita, visto que tem uma autonomia própria

¹ “Súditos do Eixo” era uma nomenclatura utilizada para designar os estrangeiros alemães, italianos e japoneses que, no período da II Guerra Mundial, representavam os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Esse termo foi largamente utilizado à época, tanto em âmbito social como governamental. Essa nomenclatura também é encontrada nos textos da imprensa.

² Os veículos da imprensa identificados como pró-getulistas e que defendiam o alinhamento do Brasil junto aos Aliados foram os seguintes: (1) *Diário Carioca*, fundado em 1928 por José Eduardo de Macedo Soares, nasceu com a intenção de fazer oposição a Washington Luís. Nesse sentido, apoiou a Revolução e, apesar de algumas desavenças com Vargas ao longo da década de 1930, prestou “incondicional apoio ao governo” a partir de 1938. ABREU, Alzira de *et al.* (Coord.). *Op. cit.*, p. 1.840-1.843, vol. II; (2) *Diário de Pernambuco*, comprado pelos *Diários Associados* em 1931, defendia a entrada do Brasil na guerra ao lado dos Aliados. *Ibid.*, p. 1.852-1.855, vol. II; (3) *A Vanguarda*, de Belém, foi fundado em 1937 e era dirigido por Pires Camargo. Em 1943, passou a ser órgão vespertino dos *Diários Associados*, sob a direção de Milton Trindade. BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, *Jornais PARAoaras*: catálogo, p. 268-269; (4) *O Estado do Pará*, de Belém, fundado em 1911, por Just Chermon, político paraense. Foi porta-voz dos “revolucionários” em 1930, mantendo uma linha pró-Getúlio Vargas durante as décadas de 1930 e 1940. *Ibid.*, p. 241-242. Nota-se uma posição antijaponesa nas reportagens deste jornal.

e pode se considerar um texto informativo, mesmo sem tornar-se indiferente ao contexto espacial do periódico.

Assim, procurou-se analisar as imagens que se produziram em torno do tratamento destinado aos “súditos do Eixo” nos cárceres brasileiros, diante do discurso apresentado tanto pelo texto escrito quanto pela fotografia. Segundo Boris Kossoy (1999), o processo de construção das representações em uma fotografia de jornal não se completa no momento da materialização da imagem em foto, pois a editoração desta imagem sofre uma série de “adaptações”, visando à sua inserção na página do jornal. A fotografia sofre alterações físicas em sua forma, como mudanças de cores ou recortes no formato original, para que a imagem se encaixe nos espaços diagramados, segundo os interesses editoriais. Essa prática, comum ainda nos dias de hoje, a faz vulnerável às alterações de seus significados em função do título que recebe ou dos textos que ilustra e das legendas que a acompanham. Diante destas questões, “são muitas as possibilidades de manipulação elaboradas pelos meios de comunicação”, que fazem com que as fotografias impressas sejam “sempre objeto de algum tipo de ‘tratamento’ com o intuito de direcionar a leitura dos receptores” (KOSSOY, 1999: 54-55).

A versão mais comumente veiculada por esta imprensa tratava de colocar o Brasil como país civilizado, em contraposição às barbáries do inimigo. Alegava-se que, enquanto nos campos de concentração da Alemanha praticavam-se as atrocidades nazistas, nos campos brasileiros os internos eram tratados com dignidade e conforto, residindo em locais bucólicos e recebendo boa alimentação. Mesmo depois dos torpedeamentos a navios brasileiros por parte da esquadra alemã, fator que levou à entrada definitiva do Brasil na guerra, alegava-se que os alemães aqui residentes continuavam “exercendo, livremente, suas atividades quer na indústria, quer no comércio; quer nas profissões liberais”. O discurso jornalístico frisava também que:

Enquanto tratamos assim [com conforto] os alemães, os homens que representam o *Reich* na França ocupada mandam os brasileiros que encontram para os campos de concentração, (...) sem nenhuma espécie de conforto, sem alojamentos próprios, os prisioneiros são atirados aos montes como animais em currais e com um

³ “Diferença de atitudes. A seguir o exemplo da Alemanha, teríamos que fuzilar todos os súditos do Eixo detidos por espionagem e atividades contra a soberania nacional”.

policimento de carrascos, são tratados como se animais o fossem.³

Essa retórica foi marcante em variados veículos em circulação nas principais capitais brasileiras. Tais representações em torno do internamento de civis seguiam a mesma lógica das reportagens sobre os campos de concentração destinados aos japoneses na costa oeste da América do Norte. O artigo intitulado “Os campos de concentração dos Estados Unidos – onde a brutalidade é inexistente e onde impera a democracia – são ao mesmo tempo proteção contra o inimigo e uma capitalização para o futuro”, publicado no *Diário da Tarde*, de Curitiba, em 5 de fevereiro de 1943, constituía-se pela mesma matriz de idéias: atrocidades e selvageria nos campos alemães em oposição ao conforto, ao humanitarismo e à democracia nos campos dos Aliados. Segundo o repórter Michel Evans, de Washington, “os campos de concentração são uma instituição peculiar à Alemanha de Hitler. Fazem parte da maquinaria nazista para destruir a resistência dos menos conformados. São uma das instituições criadas pela maldade nazista e contra as quais lutam as Nações Unidas.”⁴

No entanto, os Estados Unidos também instituíram campos de concentração em seu território, mas em nada se assemelhavam aos de “Boergermoor, campo de concentração nazista de sinistra fama. Nem, tampouco, às enviadas de Dachau ou de tantos outros centros de terror criados pela diabólica maldade da Gestapo”. Continuando a reportagem:

A guerra trouxe os campos de concentração para os Estados Unidos, mas os campos de concentração americanos têm tanta semelhança com o modelo nazista como a declaração de direitos com o “Hors Wessel”, hino oficial do partido nazista. A vida pode não ser muito agradável em alguns desses campos americanos. Estão eles localizados, em sua maioria, em lugares muito afastados. Os seus moradores não podem entrar e sair quando querem. A alimentação pode não ser variada, mas é abundante e nutritiva. Não há cinemas nem sorveterias, mas há vários

Diário Carioca. Rio de Janeiro, 28/07/1942, p. 1. Lata 1.480, maço 33.482, AHI (PFP, H5).

⁴ “Os campos de concentração dos Estados Unidos – onde a brutalidade é inexistente e onde impera a democracia – são, ao mesmo tempo, proteção contra o inimigo e uma capitalização para o futuro”. *Diário da Tarde*, Curitiba, 05/02/1943, p. 1. Setor de Documentação Paranaense, Biblioteca Pública do Paraná.

centros de diversão e bibliotecas capazes de satisfazer a todos os paladares literários. E, se algum internado enferma, o governo coloca à sua disposição os melhores clínicos disponíveis.

(...)

Nos campos de internamento da costa ocidental, permitimos aos japoneses que se organizem democraticamente. Esses nipônicos estão aprendendo a governar-se por si mesmos, escrevendo a constituição que os regerá fazendo com que vigorem os seus princípios. Os seus tribunais têm juízes japoneses. Eles próprios policiam os campos e mantêm a justiça.⁵

Essa mesma versão sobre as condições dos campos norte-americanos para japoneses era associada nos jornais às medidas do governo brasileiro com relação ao tratamento do inimigo. Um artigo do *Diário Carioca*, de 28 de julho de 1942, levava como manchete: “Diferença de atitudes (Imagem 1). A seguir o exemplo da Alemanha, teríamos que fuzilar todos os súditos do Eixo detidos por espionagem e atividades contra a soberania nacional”. Um subtítulo evidenciava ainda mais a postura de exaltação às medidas do governo brasileiro: “O Brasil trata os cidadãos do Eixo de acordo com as tradições internacionais”. No texto, descreviam-se as condições do Presídio de Ilha das Flores, onde estavam alemães acusados de espionagem. Alegava-se que ali os prisioneiros tinham uma “confortável estadia” e uma “boa vida”, pois tomavam “banhos de sol, banhos de mar”, pescavam, passeavam pelos jardins e pela mata, tinham “farta e boa alimentação”.⁶

⁵ *Idem*.

⁶ “Diferença de atitudes. A seguir o exemplo da Alemanha, teríamos que fuzilar todos os súditos do Eixo detidos por espionagem e atividades contra a soberania nacional”. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 28/07/1942, p. 1. Lata 1.480, maço 33.482, AHI (FPF, H5).

⁷ Não se pretendeu, aqui, fazer um estudo de recepção, nem mesmo considerar se a mensagem fora entendida dessa forma. No entanto, é importante apontar que essa idéia acerca do que foram os campos de concentração dos Aliados perdura até os dias de hoje entre diversos intelectuais e especialistas dessa temática. A autora desse artigo se opõe à posição veiculada pelos Diários Associados. Sobre isso, ver *Prisioneiros da guerra* – os “súditos do Eixo” nos campos de concentração brasileiros (1942-1945). São Paulo: Humanitas/Imprensa Oficial (no prelo).

Compondo a página do jornal que se vê na Imagem 1, juntamente com o texto e suas manchetes, foram publicadas três fotografias do Presídio Ilha das Flores, enquanto campo de internamento dos prisioneiros de guerra no Brasil. Segundo Kossoy (2001: 113), ao observar-se uma fotografia impressa no jornal, “cuja imagem, uma vez associadas ao signo escrito, passam a “orientar a leitura do receptor com objetivos nem sempre inocentes”, deve-se ter a consciência de que a compreensão que se faz do real estará influenciada por uma ou várias interpretações anteriores. Portanto, entre o assunto e a sua materialização em imagem ocorrem sucessões de “interferências ao nível da expressão que alteraram a informação primeira” (Kossoy, 2001: 114). Nesse sentido, entende-se, nessa análise, que o referido discurso jornalístico teve a pretensão de formar, entre seus leitores, a opinião de que, no Brasil e, mesmo, entre os Aliados em geral, não se cometiam atrocidades de guerra e que os direitos humanitários da época estavam garantidos.⁷

Também se entende a necessidade de a publicação de imagens desses campos de concentração brasileiros

Imagem 1



Fonte: *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 28/07/1942.

(para “súditos do Eixo”) estar acompanhada de manchetes que ressaltavam aspectos de civilidade e de humanitarismo, ao se levar em consideração as idéias defendidas por Vilches (1987: 13), de que os periódicos modernos tratam com muita seriedade uma fotografia jornalística, por ela se tratar de um componente essencial da informação e da opinião. Isto é possível de ser visualizado na Imagem 1, aqui reproduzida, pois, nas fotografias publicadas para essa matéria, vê-se uma paisagem arborizada e à beira-mar, “atestando” ser esta a imagem de “campo de concentração paradisíaco”.

Entre 1942 e 1943, os Associados produziram um conjunto de reportagens sempre com esse mesmo teor e essas posições políticas. Alguns meses antes, em 6 de abril de 1942, o *Diário da Tarde*, de Curitiba, centralizou, na sua primeira página, outra fotografia da Ilha das Flores, intitulando-a “O primeiro campo de concentração no Brasil”.

Entre a manchete e a legenda, percebem-se homens em trajes de banho, descansando na rede em uma varanda (Imagem 2). Essa fotografia, reproduzida pelo *Diário da Tarde*, não precisava de nenhuma legenda ou texto explicativo. Por si só, o discurso fotográfico transmitiu sua mensagem: os campos de concentração brasileiros assemelhavam-se a colônias de férias, e não a colônias penais ou campos de concentração!

Esse conjunto iconográfico publicado pelo associado paranaense ratificou a idéia de que os prisioneiros de guerra no Brasil “levavam a vida na rede”: alojavam-se numa casa ampla e com aspecto confortável. A imagem remete o leitor à lembrança de uma casa de fazenda, sem deixar transparecer a existência de celas ou remeter aos espaços formais das delegacias, presídios ou casas de detenção. Afinal, como o próprio nome enfatiza, o presídio ficava na Ilha das Flores!

Entende-se aqui como o fotógrafo age, valendo-se de um “filtro cultural”, promotor ou inibidor de certas imagens. Ao optar por um aspecto determinado da realidade, o fotógrafo

qualificou o fato noticiado. À medida que outros filtros ideológicos, políticos ou culturais se sucederem, o resultado final incorrerá numa “informação alterada do fato ocorrido” (Kossoy, 2001: 113). Assim, o fragmento selecionado pelo fotógrafo e o resultado publicado pelo periódico sofreu intervenções dos aspectos da cultura política que a empresa jornalística dos Associados detinha.

Segundo Lorenzo Vilches (1987), os estudiosos do fotojornalismo, tanto europeus como norte-americanos, concordam em considerar o alto valor comunicativo de uma fotografia nas páginas da imprensa, que cumpre com o seu papel de chamariz para atrair e cativar o leitor até o seu aspecto cognoscitivo, que serve para “fazer melhor compreender a narração das notícias” (VILCHES, 1987: 14). Contudo, Vilches negou que a foto reproduzida no jornal seja um testemunho fidedigno e transparente de um acontecimento ou de um gesto de um personagem público, pois nem sempre a fotografia, que pretende produzir uma realidade, pode ser traduzida como a “impressão da verdade”.

Considerando-se que a fotografia da imprensa é um produto determinado tanto por suas propriedades técnicas quanto pelas leis da percepção visual, e que o ato fotográfico é criativo, tomaram-se essas imagens nos jornais como um ato perceptivo, bem como um ato

Imagem 2



Fonte: *Diário da Tarde*, Curitiba, 06/04/1942.

fotográfico que se inter-relaciona na leitura de uma foto de jornal (VILCHES, 1987: 19-20). Neste sentido, é compreensível a preocupação dos meios de comunicação tanto quanto à divulgação das notícias sobre o Brasil em guerra como à posição governista e empresarial de veiculação dos ideais humanitários.

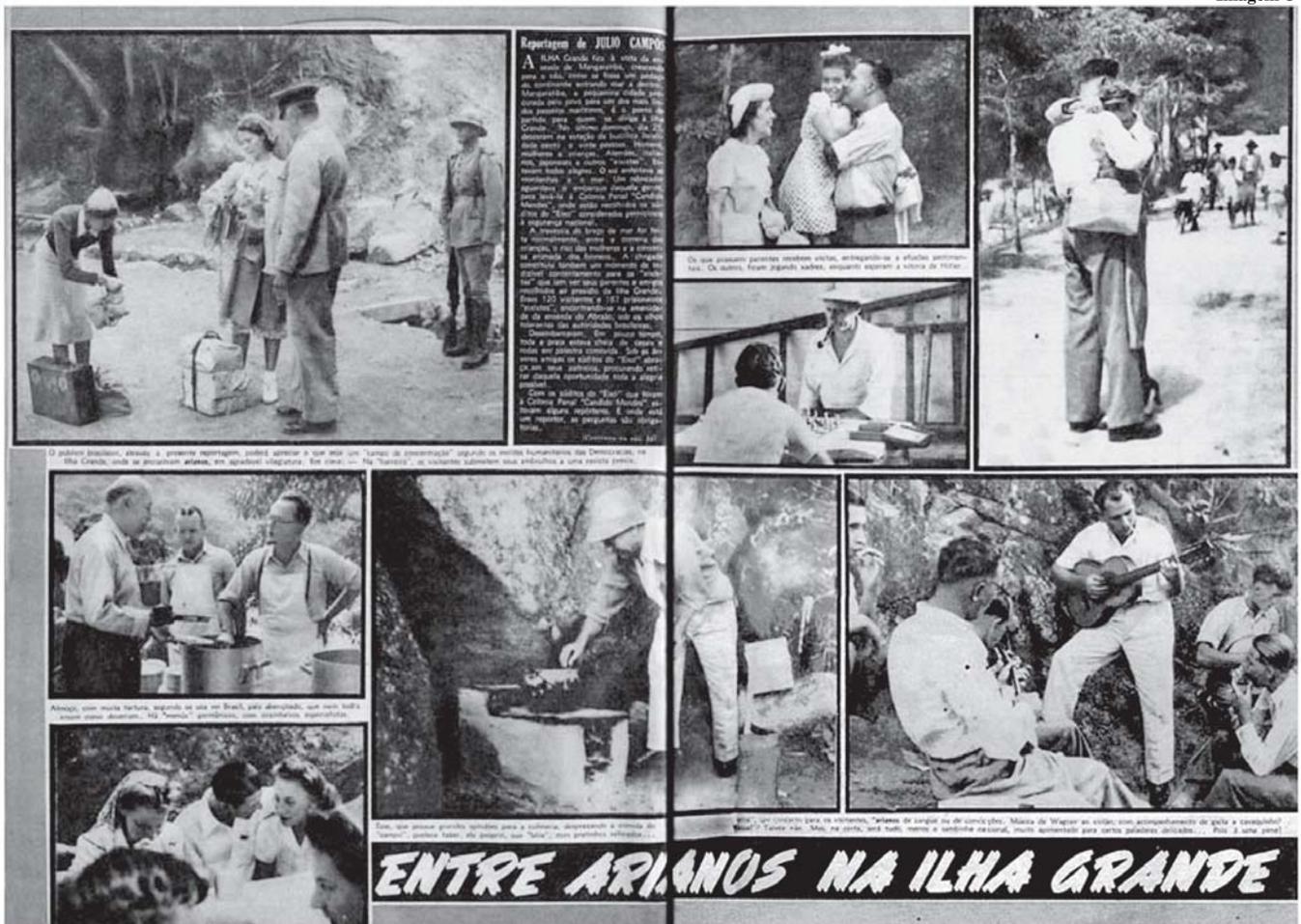
No entanto, acredita-se que o fotojornalismo não representa a imagem da verdade, e deve ser interpretado diante de outros fatores relacionados ao ato fotográfico e à percepção visual, bem como diante das intenções retóricas de um discurso. Mas, por outro lado, a fotografia será sempre uma interpretação. Seguindo aqui as propostas de Boris Kossoy, pode-se inferir que tais imagens dos campos de concentração no Brasil pretendiam, mesmo que não conseguissem, imputar o discurso da civilidade como referência da verdade e da realidade, pois a fotografia tem em sua origem um desejo do indivíduo “que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época” (Kossoy, 2001: 36).

O Cruzeiro a serviço das inovações dos associados

Lorenzo Vilches afirmou que, em um periódico, a fotografia não é a notícia propriamente dita, mas sim uma das variáveis da informação utilizada num meio de comunicação. Ela deve ser associada a outras variáveis, como os títulos, os textos escritos, a compaginação etc. Em determinadas circunstâncias, a foto é a notícia por si mesma e, nessa situação, exige apenas uma legenda (VILCHES, 1987: 91). Casos como estes aparecem em outros veículos da empresa de Chateaubriand, como a reportagem “Entre arianos na Ilha Grande”, publicada pela revista *O Cruzeiro*, em 8 de maio de 1943 (Imagem 3).

Nessa reportagem, como é comum identificar na imprensa da época, as fotografias de prisioneiros do Eixo internados em Ilha Grande aparecem como notícia, ocupando quase todo o espaço das páginas 24 e 25. As fotos vêm acompanhadas de legenda e de um pequeno texto escrito que, por sua vez, complementa-se na página 34, fazendo com que as imagens ganhem maior destaque que as palavras.

Imagem 3



Fonte: revista *O Cruzeiro*. Revista semanal ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 28, 08/05/1943, p. 24-25.

Uma das características de periódicos como *O Cruzeiro* era trazer a informação afinada com uma demanda visual, estabelecendo-se uma relação entre “informar e apresentar imagens” (BAITZ, 1998: 28). Nesse sentido, noticiar transformou-se em mostrar e as “revistas se colocavam como mediadoras, através das fotos, entre o leitor e o mundo noticiado” (BAITZ, 1998: 28). O uso da técnica de fotojornalismo, introduzida na Alemanha durante a década de 1920, tornava-se uma tendência editorial em todo o mundo, e os periódicos Associados tomavam-na como referência, a fim de delimitar uma posição inovadora entre as empresas da comunicação no Brasil. Esse novo paradigma do fotojornalismo sugeria, implícita ou explicitamente, que “a foto colhida em flagrante era desprovida de sugestões ou retoques e, portanto, condizente com a realidade dos acontecimentos” (BAITZ, 1998: 42). A técnica da fotorreportagem inovava no uso seqüencial de imagens de um mesmo assunto, fazendo com que a notícia fosse narrada pela fotografia, tomando esta última maior importância em relação ao texto escrito sem, no entanto, formarem “um só conjunto, apesar de autônomos, na veiculação da mensagem” (BAITZ, 1998: 43-44).

Em *O Cruzeiro*, a empresa dos Associados colocava no mercado editorial brasileiro técnicas inovadoras e transformadoras da produção jornalística. No entanto, no que diz respeito à cultura política e ao discurso, os Associados continuavam produzindo imagens do humanitarismo dos Aliados. Mesmo pretendendo sobrepor as imagens ao texto, o tom da retórica continuava na mesma direção da reportagem sobre a Ilha das Flores, no ano anterior, exaltando o bucolismo, as belas paisagens naturais típicas de uma localidade de passeio e lazer, como forma de distinguir as atrocidades de guerra cometidas entre Aliados e Eixo.

Ao visualizar-se a referência da Colônia Penal Cândido Mendes como “presídio paraíso da Ilha Grande”, nota-se que o texto escrito faz uso da metáfora recorrente à do “paraíso tropical”, que se presta, como tantas outras, como reforço para o “mito da hospitalidade brasileira”, possibilitando ao leitor a construção de imagens que se delineiam nesse sentido. A descrição do “paraíso” assim se presta:

A Ilha Grande fica à vista da enseada de Mangaratiba (...), a pequenina cidade procurada pelo povo para *um dos mais lindos passeios marítimos* (...). No último domingo, dia 25 [de abril de 1943], desceram na

estação da *bucólica localidade* cento e vinte pessoas. Homens, mulheres e crianças. Alemães, italianos, japoneses e outros eixistas. Estavam *todos alegres*. *O sol enfeitava as montanhas e o mar*. Um rebocador aguardava o embarque daquela gente, para levá-la à Colônia Penal “Cândido Mendes”, onde estão recolhidos os súditos do “Eixo” considerados perniciosos à segurança nacional.⁸ (grifos da autora).

A conjugação entre texto (acima) e foto (Imagem 3) pretendia induzir o leitor à interpretação desejada pelo editor. O início dessa matéria reporta-se a um domingo de visita dos familiares aos prisioneiros alemães internados “na *amenidade* da enseada do Abraão, sob os olhos *tolerantes* das autoridades brasileiras” (grifos da autora). Segundo a reportagem de *O Cruzeiro*, os jornalistas que acompanhavam os visitantes puderam entrevistar alguns dos prisioneiros, que lhes relataram que as condições de vida em Ilha Grande não poderiam ser melhores! Contraditoriamente à fala dos prisioneiros, em entrevista ao repórter de *O Cruzeiro*, a imagem demonstra um guarda inspecionando a bolsa de uma das visitantes, e outro, logo atrás, em posição de vigilância. Também se fez referência à boa comida: os prisioneiros cultivavam, na própria horta, batatas e pepinos, e trabalhavam apenas nos serviços que lhes agradassem. Segundo essa reportagem, os cozinheiros do vapor Montevideo, internados na Colônia Penal, preparavam as refeições dos prisioneiros com pratos tipicamente alemães, e a única queixa era a falta do *chopp*.

Quando dois alemães entrevistados não se mostraram simpáticos e receptivos à reportagem, respondendo ao jornalista de forma um pouco grosseira: “– Como passam os senhores aqui? – Isso não interessa, meu amigo”, este anotou em seu texto que tais alemães “conservavam a mentalidade nazista. Duros na amenidade do tratamento brasileiro”.⁹ Diante da interpretação dada às duas versões dos prisioneiros alemães entrevistados, e do julgamento de nazistas feito pelo repórter acerca do “mau humor” dos prisioneiros, pondera-se sobre o jogo de informações e as mediações que a revista fez entre a cultura política dos editores e a posição política do governo brasileiro naquele momento da II Guerra. Construiu-se, aqui, no jogo das imagens,

⁸ *O Cruzeiro*. Revista semanal ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 28, 8 de maio de 1943, p. 24.

⁹ *Idem*, p. 34.

a dupla idéia: prisioneiro mal-humorado com o cárcere era nazista, as condições brasileiras de internamento eram paradisíacas e quem se negou a elogiar o sistema prisional em que se encontrava foi estigmatizado como “nazista insolente”.

Assim, tal conjugação de imagens – por fotografias e por palavras – provoca o que Boris Kossoy (2001: 121) chamou de “cilada sedutora ou ficção documental”, ou seja, a imagem que utiliza o realismo fotográfico da aparência enquanto testemunho fiel ou “prova” pretende “conduzir o receptor desavisado a imaginar uma situação verdadeira que não existe, para criar, enfim, no imaginário dos receptores uma (pseudo)realidade” (Kossoy, 2001: 121).

Conclusões

Nesse conjunto de reportagens aqui apresentadas, foram desenhadas inúmeras imagens dos campos de concentração brasileiros, do tratamento destinado aos prisioneiros de guerra no Brasil e das posições políticas internacionais no fim da II Guerra. Nessas matérias, a retórica era sempre a mesma: os Aliados

não cometem atrocidades de guerra e respeitam os direitos humanitários.

A imprensa dos Associados, entre 1942 e 1943, utilizava-se desse discurso para criar no leitor a pseudo-realidade de que o Brasil, e seu governo (despótico e violento, por contrariedade!), endossavam os enunciados humanitários do Direito de Genebra, como assim o professavam seus aliados norte-americanos. Tratou-se de uma produção de imagens que se prestaram para fortalecer no Brasil o “mito de humanitarismo” em torno das condutas dos Aliados, que já se colocavam, naquela época, como defensores dos direitos do homem. A construção da imagem do campo de concentração “paradisíaco” – como enfatizou uma edição do *Diário de Pernambuco*, com o título da matéria “Um paraíso: a Ilha das Flores” – contou com a contribuição efetiva dos Diários Associados, como empresa de comunicação que se valeu da imagem e da palavra na criação de “realidades paradisíacas” num mundo destruído pelas atrocidades de guerra. Nesse sentido, as reportagens aqui analisadas serviram de mediadoras entre política e sociedade, no tocante ao posicionamento daqueles que venciam a II Guerra Mundial.

Referências

BAITZ, Rafael. *Um continente em foco – a imagem fotográfica da América Latina nas revistas semanais brasileiras (1954-1974)*. 1998. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: FFLCH-USP.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

_____. *Fotografia e História*. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LEVINE, Robert. *Pai dos pobres? – O Brasil e a Era Vargas*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

MORAES, Fernando. *Chatô, o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VILCHES, Lorenzo. *Teoria de la imagem periodística*. Barcelona/Buenos Aires/Mexico: Ediciones Paidós, 1987.